

História da Filosofia

04 A Epistemologia de Platão

Por Dr. Arthur Holmes, do Wheaton College

Esta tarde, voltaremos nossa atenção para Platão e, ao abordar o tema, pretendo seguir este formato geral pelas próximas semanas. Começaremos com sua epistemologia, depois analisaremos sua famosa teoria das formas, que, naturalmente, é justamente o que o nominalismo nega, em seguida, como tudo isso se relaciona com sua compreensão de Deus e do cosmos, depois com sua compreensão da alma humana e, finalmente, com a boa vida. Ética, filosofia social, etc.

Agora, para fazer a transição para Platão, vamos voltar aos pré-socráticos e aos sofistas, onde enfatizamos duas linhas de pensamento que se desenvolveram. Uma delas diz respeito à cosmologia pré-científica, à ordenação da natureza como um todo, que, para os sofistas em seu ceticismo, levantava questões sobre a possibilidade de se conhecer algo sobre a realidade do que governa a natureza. E essa questão epistemológica surge, então, devido aos esforços da cosmologia pré-científica.

Outra linha de pensamento que enfatizamos foi a noção de ordem moral. A cidade-estado e sua ordenação adequada da justiça, e a ordenação moral da vida de um indivíduo. Ora, isso também levanta questões epistemológicas, questões sobre o conhecimento moral.

Podemos realmente conhecer a verdade objetiva em questões éticas? Ou estamos novamente presos na competição entre alegações de conhecimento e meras opiniões? Existem ideais morais universais, ou ficamos à deriva em alguma situação relativista na qual cada homem é a medida de todas as coisas? Protágoras, você se lembra. Assim, quer adotemos a abordagem da cosmologia científica ou a da ordem moral, as mesmas questões sobre conhecimento versus ceticismo se desenvolvem nos sofistas e, claro, na tentativa de Sócrates de refutar o pensamento dos sofistas. Ora, Platão herda esse debate de Sócrates, de modo que, seja quando Platão fala sobre as virtudes, ou sobre sua grande preocupação com o aprimoramento da alma, ou quando discorre sobre a organização da cidade-estado em seus escritos políticos, ou quando aborda alguns temas, como faz em certos trechos sobre cosmologia e a ordem da natureza, a questão permanece a mesma.

Em todas essas áreas, surge a mesma questão: como podemos ter certeza? Como podemos superar opiniões relativamente divergentes? E vemos que a linha de pensamento iniciada por Sócrates, a alternativa entre retórica e dialética, ganha destaque no pensamento de Platão. Nesta semana, vocês lerão o Minotauro de Platão, entre outros diálogos.

E esse diálogo em particular, o Mino, vai direto ao ponto central da questão e ajuda a perceber como ele se relaciona com assuntos éticos. A pergunta central do Mino é a mesma que as pessoas ainda fazem, acredito que todos os pais fazem, e espero que a maioria dos educadores também: a virtude pode ser ensinada? Ainda falamos sobre desenvolvimento do caráter, educação moral e formação moral. Essencialmente, essa é a questão que o Mino discute: se a virtude pode ser ensinada.

Torna-se óbvio, naturalmente, que ensinar algo exige, presumivelmente, algum conhecimento sobre o assunto a ser ensinado. Assim, ao perguntar: "A virtude pode ser ensinada?", Platão faz Sócrates, o personagem principal, levantar a questão intermediária: "Bem, o que é conhecimento? E à luz disso, a virtude pode ser ensinada?". E você verá que o diálogo termina com uma nota de ambiguidade. Porque, embora os sofistas, com sua retórica, não possam ensinar algo quando tudo o que possuem são suas próprias opiniões relativas, a retórica não ensina virtude nas mãos desses sofistas pouco virtuosos.

Mas as pessoas que deveriam saber o que é virtude, líderes cívicos exemplares, moralmente íntegros e pais, bem, eles não parecem ter sido muito eficazes em ensinar virtude. Veja o tipo de filhos que eles têm, os filhos que crescem em seus lares, entende? Então, a virtude pode ser ensinada? Claro, existem outras variáveis envolvidas na educação moral, além de simplesmente transmitir o conhecimento do que é virtude.

Até mesmo o que constitui uma virtude específica, como as virtudes gregas clássicas da temperança, da coragem, da sabedoria e da justiça. O desenvolvimento moral vai além do conhecimento da essência de qualquer uma dessas virtudes. E no Minotauro, Platão não se aprofunda nesse "algo mais".

Ele faz um pouco na República e em outros lugares. Mas a questão é colocada, e imediatamente somos precipitados para a epistemologia. Agora, o que eu quero fazer, no entanto, é ampliar o panorama para além do Mino.

E para comentar brevemente sobre uma variedade de assuntos abordados por Platão, tanto no Minotauro quanto em outros diálogos sobre epistemologia. Você encontrará trechos tanto no Minotauro quanto na seleção do Banquete e na seleção do Fédon. Esses são os três que você estudará esta semana.

Nos três casos, fica evidente a distinção entre conhecimento e mera opinião. A opinião baseia-se na experiência. A experiência é, fundamentalmente, uma questão de percepção sensorial.

A percepção sensorial de coisas particulares no mundo em que vivemos. E a percepção sensorial, como Platão aponta, assim como alguns de seus predecessores, tende a ser relativa. Relativa à condição dos órgãos dos sentidos.

Em relação à condição e posição do objeto que você está observando. E, claro, objetos específicos estão em constante mudança em alguns aspectos. Portanto, a condição do objeto é muito importante.

Em outras palavras, a percepção sensorial não nos proporciona um conhecimento imutável de verdades imutáveis. Ela tende a nos proporcionar uma consciência relativa variável de particularidades em constante mudança. Entende?

E, conseqüentemente, as opiniões acumuladas que temos com base na experiência simplesmente não são confiáveis. Agora, em outro de seus diálogos, o Taiteto, e todos esses diálogos recebem o nome de personagens que aparecem, ou pelo menos a maioria deles. No Taiteto, ele debate várias possibilidades.

Se o conhecimento não é percepção sensorial, será que podemos fazer uma simples ressalva e dizer que o conhecimento é a verdade que adquirimos, opiniões verdadeiras, não equivocadas, mas opiniões verdadeiras baseadas na percepção sensorial? Seria esse o caso? E o debate argumenta que não, que mesmo isso não é realmente adequado e imutável. É demasiado suscetível a mudanças.

Como saber o que é verdade se tudo se baseia apenas na percepção sensorial? Bem, será que o conhecimento é, então, uma opinião verdadeira baseada na experiência sensorial, uma opinião verdadeira acrescida de uma explicação que a justifique? Mas isso, é claro, abre um precedente perigoso. Que tipo de explicação podemos dar além de uma baseada na percepção sensorial? O que seria bastante circular, não é mesmo? Então surge a questão: se tudo o que temos é a experiência, e esta nos fornece apenas opiniões, temos dificuldade em chegar a uma conclusão definitiva.

Ou, para usar a metáfora de Platão, amarrá-la. E ele usa essa metáfora no Minotauro. Opinião, opinião verdadeira, pode ser aceitável para fins práticos, como evitar carruagens ao atravessar a rua.

Pode até funcionar bem para as tarefas diárias no mundo dos detalhes. Mas precisa mesmo de amarras. É isso, como um cavalo.

Se estiver solta, ela se dispersará. Precisa ser amarrada. E o que amarra uma opinião é a dialética.

Dialética. Então, não importa que tipo de artifícios retóricos você use para expressar suas opiniões, elas ainda não estão consolidadas, fixadas, ancoradas, ou qualquer metáfora que você prefira, a menos que sejam alcançadas por meio da dialética.

Bem, isso levanta a questão: o que é dialética? Você pergunta, o que é dialética? E você pode abordá-la de várias maneiras.

Dialética é, bem, é pensar sobre algo até chegar a uma conclusão que será verdadeira em todos os tempos e lugares. Em outras palavras, pensar além das relatividades de um tempo ou condição particular de um objeto.

Pensar além da relatividade dos diferentes órgãos sensoriais com diferentes graus de acuidade em diferentes momentos. Pensar além das relatividades da percepção sensorial em direção a algo, alguma verdade, que é imutável. E, ao falar de dialética, ele frequentemente a associa também ao que chama de rememoração.

Reminiscência. Porque a maneira como a dialética revela a verdade é muito parecida com a maneira como você se lembra de algo que havia esquecido. Você sabe como é.

Você simplesmente não se lembra de ter conhecido fulana de tal. Mas aí, conforme eu descrevo a pessoa, conto alguns de seus trejeitos e talvez comece a descrever a ocasião em que vocês se conheceram, ah, como dizemos, tudo começa a voltar à memória. E embora não esteja claro de início, você diz: "Ah, sim, agora começo a me lembrar, a recordar".

Ora, a dialética tem esse efeito, só que não se trata de relembrar experiências específicas. Há, como resultado da dialética, uma recordação real em curso. A dialética permite que você se lembre de verdades imutáveis que você conhecia em uma existência anterior.

Sim, veja bem, falaremos disso mais tarde, mas Platão acreditava na pré-existência da alma. Pré-existência da alma. De modo que você vem a esta vida com certos conhecimentos inatos.

Inato no sentido literal, congênito. Você nasce com certas ideias latentes em sua mente. Latentes no sentido de que você não tem consciência delas.

Até que a dialética permita que você se lembre delas. Assim, a dialética facilita a recordação do conhecimento inato de uma existência anterior da alma. Agora, talvez você esteja familiarizado com a famosa analogia da caverna de Platão.

Stumpf fala sobre isso. Mas o que Platão faz, e isso está em sua República, que não leva o nome de um personagem, mas sim da cidade-estado ideal, é comparar a alma nesta vida a um prisioneiro em uma caverna.

Certo? O prisioneiro está amarrado de tal forma que só consegue olhar para a parede do fundo da caverna. E a luz do sol filtra-se para dentro. Há uma fogueira acesa na entrada da caverna, projetando uma luz bruxuleante.

Assim, sombras aparecem na parede em frente ao prisioneiro. Constantemente mutáveis, nunca confiáveis. Você nunca consegue realmente prendê-las, fixá-las, amarrá-las.

Certo? Enquanto isso, seus captores franzem a testa, com um porrete na mão, andando de um lado para o outro, projetando ainda mais sombras naquela parede à frente. A alma é prisioneira do corpo. Nascido nesta vida, você já está aprisionado por ter nascido.

E, como resultado, você fica incapaz de enxergar as coisas como elas são, lá fora, no mundo real, como você disse. Tudo o que você vê são sombras tremeluzentes, muito distantes da realidade. Um mundo de aparências mutáveis, relativas e pouco confiáveis.

Você está sofrendo de amnésia. Acho que essa foi a grande pista. Você está sofrendo de amnésia.

Você não se lembra de nada. A menos, é claro, que alguém comece a sondar com as perguntas certas, de forma dialógica, para despertar alguma consciência, entende? E aí a lembrança começa.

Então, é possível que uma pessoa se liberte dessas correntes e consiga, pelo menos, se virar e conhecer os antigos captores que estavam atrás dela, bem como a realidade desta caverna, o que ela representa. Mas isso ainda é muito nebuloso, entende? Só quando conseguimos alcançar o exterior da caverna e ver as coisas é que chegamos a conhecer a realidade .

Então, o que Platão está descrevendo é um esquema no qual temos dois reinos do ser. Dois reinos do ser. Um reino de particularidades físicas.

Um reino de verdades universais. Realidade. Verdades universais.

É isto que precisamos saber. Este é simplesmente o campo da opinião. E de alguma forma, mesmo enquanto estamos nesta vida, temos que nos engajar em uma dialética que nos permita pensar de forma mais abrangente, em vez de ficarmos simplesmente confinados a detalhes insignificantes.

Isso exige dialética. Preso na caverna, tudo o que você pode fazer é se envolver em uma retórica para salvar as aparências. Assim, no Minotauro , você encontra Platão falando sobre conhecer, por meio da recordação, a essência universal imutável de algo.

Assim como a própria essência da virtude. Toda lembrança pode ser evocada pela consideração de casos particulares , exemplos particulares, mas a dialética não é uma generalização empírica a partir de muitos casos particulares . A generalização empírica não leva à essência da coisa, apenas a semelhanças, algumas das quais podem ser muito incidentais e desnecessárias.

Então, você precisa ir além da percepção sensorial e da generalização empírica para pensar abstratamente, abstraindo-se de todos esses detalhes, sobre a natureza essencial das coisas. A dialética , então, tipicamente começa com uma hipótese sobre a essência de algo. Na República, como mencionei antes.

A questão é: o que é justiça? Assim, a discussão começa com hipóteses sobre o que é justiça, apresentadas por Trasímaco e outros ao longo do caminho. E é pela análise dessas hipóteses sobre a essência da justiça que, finalmente, a dialética se aproxima cada vez mais da verdade sobre a justiça. No Fédon, você verá que Platão usa o conceito de igualdade como exemplo.

Como você pode afirmar que dois pedaços de giz, ou dois pedaços de giz líquido, ou até mesmo dois pedaços de tinta seca, ou giz líquido mesmo? Bem, seja qual for o caso, têm o mesmo comprimento. O que você diria, olhando para eles? Não. Você não pode afirmar que têm o mesmo comprimento a menos que já possua um conceito de igualdade para saber o que está dizendo quando afirma que têm o mesmo comprimento.

Em outras palavras, um julgamento como "estes dois pedaços de pau têm o mesmo comprimento" pressupõe um conceito não empírico de igualdade, que pode ser inferido ao se falar sobre dois pedaços de pau terem o mesmo comprimento, mas não é, em si, uma propriedade empírica. Não existem duas coisas físicas que sejam exatamente iguais. exatamente a mesma coisa , afinal. Então, o exemplo aí é de coisas com o mesmo comprimento, certo?

É com isso em mente que temos esta impressão da República de Platão. Bem, deixe-me mencionar mais uma coisa. No Banquete, você verá que ele distingue entre beleza, a essência da beleza, a beleza ideal, com B maiúsculo, e coisas belas em particular.

As coisas particularmente belas são objetos da percepção sensorial. A Beleza, o ideal, com B maiúsculo, é apreendida, como ele diz, pelo olho da mente. Você vê com a mente.

Entende o que quero dizer? Sabe como costumamos dizer isso? Você está acompanhando uma demonstração matemática , e a conclusão fica clara, e você pensa: "Ah, entendi o que eu deveria ter feito". Sim, entender de forma abstrata,

não com referência a detalhes sensoriais, mas com referência a alguma linha de raciocínio abstrata. Entende ? Repetimos isso várias vezes .

Bem, vejam este trecho de A República. Todo mundo tem um exemplar? Certo, é do Livro Sete de A República, no contexto em que aparece a analogia da caverna. Imaginem, disse eu, que existam essas duas entidades.

Um deles reina sobre a ordem inteligível, e o outro sobre o mundo do olho. Certo, o mundo sensorial. Então, este é o mundo sensorial, o mundo do olho e dos outros sentidos, e este é o mundo inteligível.

Certo, mundo inteligível e mundo sensorial. O visível e o inteligível. Agora, represente-os, por assim dizer, por uma linha dividida em duas seções desiguais.

Duas seções desiguais, certo? Faça esta um pouco mais comprida. E corte cada seção novamente na mesma proporção, certo? E você tem uma linha dividida em quatro partes, a famosa linha dividida de Platão. Ok.

A divisão entre o visível e o inteligível, e então, como expressão da proporção entre sua clareza e obscuridade comparativas, você terá como uma parte do mundo visível, muito bem, como uma parte, as imagens. Imagens. Isto é, sombras, reflexos na água ou em superfícies, coisas desse tipo.

Imagens, sombras, ilusões, alucinações. Imaginações, se preferir, onde você fantasia sobre algo, imaginando algo que não existe fisicamente. Certo.

A segunda seção pressupõe aquilo de que se trata uma semelhança ou imagem, ou seja, animais, plantas e toda a classe de objetos feitos pelo homem. Então, aqui você tem detalhes físicos. Certo, detalhes físicos.

Certo. E então, o que você faz na região superior é algo semelhante. Você faz uma distinção, como ele coloca, de modo que haja uma seção que a alma é compelida a investigar, tratando como imagens as coisas imitadas na divisão anterior e por meio de suposições, imagens e suposições, a partir das quais ela procede para a conclusão.

E outra seção em que avança de sua suposição para um princípio inicial. Muito bem, então aqui você tem, por assim dizer, os primeiros princípios. Certo.

E aqui temos o raciocínio e a formulação de inferências. E, conforme ele prossegue, destaca que é nessa área de raciocínio e formulação de inferências que a matemática se encaixa, que, claro, consiste em fazer inferências, raciocinar sobre as coisas o tempo todo, de modo que objetos matemáticos, como relações matemáticas, como a adição e assim por diante, surgem daí. Mas, como sabemos desde a geometria

euclidiana, todos os sistemas e inferências matemáticas dependem de princípios fundamentais.

Primeiros princípios que são assumidos na inferência. Certo. Então, agora o que temos que fazer é distinguir os diferentes tipos de consciência de forma correspondente.

Certo. Se considerarmos essas imagens como reais, isso é o que chamamos de ilusão. Isso, lidar com detalhes físicos, é o que chamamos de percepção sensorial.

Esses são os dois tipos de opinião. Doxa, a palavra grega. Opinião, aparente.

Aparência, a palavra grega doceo. E aqui em cima, você tem, claro, o raciocínio dedutivo. Dedução, esse tipo de pensamento.

E aqui, o conhecimento dos primeiros princípios se dá pela dialética. Conhecimento dos primeiros princípios pela dialética. Certo, então é isso que ele introduz.

Agora, na metade da segunda página deste folheto, ele começa a falar sobre dialética. Entendendo que, por "outra parte do inteligível", quero dizer aquilo que a razão alcança, o poder da dialética. Ora, o que é dialética? Ela trata suas premissas não como começos absolutos, mas como hipóteses, fundamentos, alicerces, trampolins que lhe permitem ascender àquilo que não requer nenhuma premissa e que é o ponto de partida de tudo.

E depois de atingir esse ponto, retomando as primeiras dependências e, assim, procedendo para a conclusão. Isso é dialética. E ele continua.

Não é uma tarefa fácil a que você tem em mente. Entendo que você distingue a realidade e o inteligível contemplado pela dialética como algo mais verdadeiro e exato do que o objeto das artes e das ciências, cujas premissas são arbitrárias. Certo.

Aqueles que os contemplam são compelidos a usar o entendimento e não os sentidos. Eles retornam ao início, aos fundamentos do estudo. E então, no topo do 747, sua interpretação é suficiente para que, ao responder a essas quatro seções, você tenha uma razão intelectual para a mais elevada, entendimento ou reflexão para a segunda, crença ou percepção para a terceira, pensamento imagético, conjectura ou ilusão, se você a tomar como realidade, para a quarta.

Certo. Bem, e os outros dois parágrafos foram acrescentados um pouco mais adiante no texto. Não é a dialética o único processo de investigação que dispensa hipóteses e avança para o próprio princípio fundamental? É verdade que, quando o olhar da alma está mergulhado no pântano bárbaro do mito órfico, a dialética o liberta

suavemente, o conduz para cima, utilizando como auxiliares e cooperadores os estudos e as ciências que enumeramos, e assim por diante.

E então, no que resta, damos o nome de dialético ao homem capaz de extrair uma explicação da essência de cada coisa. Não dirão vocês que aquele que é incapaz de fazê-lo, de prestar contas a si mesmo e aos outros, não possui plena razão e inteligência sobre o assunto? Mas o homem que é capaz, e assim por diante, é diferente. Portanto, observem a descrição que ele dá no parágrafo final.

Como numa batalha, enfrentando todos os desafios, esforçando-se para examinar tudo pela realidade essencial e não pela opinião, ele persevera em tudo isso sem tropeçar em seu raciocínio. O homem que não possui esse poder não conhece verdadeiramente o bem em si, nem qualquer bem em particular . Portanto, veja bem, a dialética é a análise de argumentos e ideias, buscando consistência, buscando algo que não suscite questionamentos, que não tenha pressupostos prévios, examinando-o implacavelmente, confrontando cada objeção, cada concorrente, cada contra-argumento .

Entende ? E se sobreviver a esse teste de dialética cuidadosa, honesta e implacável, então você pode ter bastante certeza de que compreendeu a verdade. Entende ? Essa é a concepção de dialética de Platão. E, juntamente com o restante do que temos feito, ela nos revela o que ele pensa sobre o conhecimento.

Entendeu? O que achou? Algum comentário? Alguma pergunta? Sim, David. É, vamos analisar isso um pouco mais adiante . Ele parece acreditar que só na morte temos a visão completa do sol, que na analogia é a realidade mais fundamental, a fonte do ser, a fonte da luz.

Sim. Então, essa compreensão plena vem depois. E, aliás, isso se torna a base para o desenvolvimento de certas tradições místicas quando o platonismo foi incorporado à tradição judaico-cristã, e o sol passa a ser comparado a Deus.

Então, a visão de Deus, a visão mística, entende? É possível nesta vida? De forma limitada? Ela aguarda a vida após a morte? Com certeza, sim. É isso aí, Karl.

Sim, acho que ele diria que vivemos em um mundo de imagens, ilusões e particularidades. Simplesmente não conseguimos retornar aos princípios fundamentais. Nossa sociedade não se baseia no conhecimento de um bem supremo, eterno e imutável, mas sim em algum contrato social, entende?

Sim. Sim, acho que ele falaria dessa forma. Não seria a república ideal de Platão em que vivemos.

Certo. Sim, Jason. Não, não é Jason, né? Tim, ok.

Sim. Certo. Sim, ele faz.

E vamos analisar isso quando chegarmos à parte sobre a alma humana. O fado que você está lendo faz parte do fado completo, que apresenta uma série de argumentos tanto para a pré-existência quanto para a imortalidade da alma. Você talvez saiba, aliás, que na Igreja primitiva havia três pontos de vista debatidos a respeito da origem da alma individual.

Ou a visão platônica de que o corpo preexistia, ou a visão de que foi de alguma forma reproduzido pela procriação física, ou ainda a visão de que é uma criação especial de Deus em algum ponto do desenvolvimento fetal. Curiosamente, a primeira era característica de Platão e da influência platônica. A segunda, da maioria dos estoicos.

E o terceiro parece ter sido introduzido separadamente. Portanto, a história da teologia, nesse sentido, deve muito à tradição grega. Muito mesmo.

Mas voltaremos a isso quando chegarmos à alma humana. Sim, Tim. O que é recordação? Sim.

Certo. Relembração dialética de ideias inatas. Sim, a dialética é o meio, o método empregado.

Certo? Isso facilita a recordação de ideias inatas sobre esses primeiros princípios. Entendeu? Então, recordar é ver com os olhos da mente, enquanto a dialética é como colocamos nossas mentes na posição de poder ver. Certo? Se preferir, dialética é focar a mente.

Concentrando a mente. Jess. Sim.

Sim. Não, se voltarmos às diferenças em questões éticas, que vimos emergir nos pré-socráticos, essas são as diferenças que Platão diria estarem representadas aqui. Ou seja, se entendermos os primeiros princípios da ordem moral, então teremos que pensar no princípio da justiça.

E ele tenta definir o que é justiça como resultado de uma investigação dialética na República. Mas, enquanto isso, o que interessava a alguns poetas gregos quando não estavam interessados na ordem moral da justiça? Entende? O que os sofistas buscavam? Sobre o que estavam falando? Bem, nos materiais que temos, observem Demócrito novamente. Onde Demócrito dizia, sim, sejam espertos, usem a cabeça, mas para garantir o prazer em vez da dor.

Para ter sucesso. Para aproveitar a vida. Para progredir.

Bem, esses eram os tipos de valores representados aqui. Os valores associados a este mundo. Agora, você pode perceber imediatamente, eu suspeito, por que isso tinha tanto apelo para o pensamento religioso.

Cristãos, judeus e, mais tarde, islâmicos. Entende ? É como se Platão estivesse dizendo: concentre sua afeição nas coisas do alto, não nas coisas de baixo. Sim.

E quando chegarmos aos primeiros pais da igreja, veremos que Platão foi o principal recurso deles para resistir às críticas não cristãs nesses primeiros três ou quatro séculos. E, de fato, acho que, como resultado da assimilação do platonismo ao pensamento cristão, ele se tornou a influência filosófica dominante dentro do cristianismo até, digamos, 1200, 1100, por aí. Sim.

E você consegue perceber o seu apelo imediatamente. Você mencionou Alan Bloom na semana passada. Sim.

Ele sugeriu o pós-colonialismo. Sim. Bem, eu acho que o que Alan Bloom está fazendo é nos chamar de volta ao tipo de educação liberal por meio do estudo dos clássicos, pela qual a Universidade de Chicago é famosa.

Ou seja, embora sua crítica seja que o estudante universitário contemporâneo fala como se não existissem verdade ou falsidade, certo ou errado, quando se chega ao final do livro e ele apresenta sua proposta para a nossa sociedade e para a educação, ele está falando sobre a leitura de todos os clássicos, desde os gregos e assim por diante. Agora, por quê? Não se trata de encontrar um conjunto único de valores imutáveis. Quero dizer, se você estudar os grandes livros, encontrará uma grande variedade de coisas diferentes.

Um potpourri. É uma variedade comum de cantina. Entende?

Agora, creio que o que ele busca é um diálogo que se estenda a partir desses grandes livros. Se preferir, uma espécie de dialética informal com essas alternativas, que leve as pessoas a fazerem perguntas fundamentais, mesmo que discordem das conclusões. Elas tentarão retornar aos princípios básicos.

Bem, sabe, eu vejo a educação cristã em artes liberais muito relacionada a isso. A educação em artes liberais nos envolve em dialética, em diálogo com as grandes mentes e grandes ideias do passado e do presente, enquanto sempre analisamos essas ideias a partir da perspectiva da fé cristã e tentamos perceber a relação entre elas. Por outro lado, acho que existe um tipo de educação muito mais retórica, que ensina os truques da profissão para que você possa progredir na sua vocação escolhida.

Veja bem, esse é mais o tipo de retórico . Certo. Mais algumas coisas para completar esse quadro da sua epistemologia.

E voltaremos a esses pontos mais tarde . Você pode ter a impressão, pelo que eu disse, de que Platão considera a busca pelo conhecimento e o exercício da dialética como uma atividade intelectual desapegada, impassível e puramente objetificada. Não é bem assim.

Não é bem assim. Você verá que Platão fala muito sobre o amor ao bem. E, claro, no âmbito intelectual, sobre o amor à verdade.

A questão é quais são as dinâmicas psicológicas envolvidas em levar uma pessoa a concentrar sua atenção nos princípios fundamentais, em vez dos detalhes instigantes e fascinantes que nos absorvem durante a maior parte da vida. Veja bem. E no simpósio, portanto, você encontra, por exemplo, todo o diálogo dedicado à questão : o que é o amor? É interessante.

O que é o amor? Bem, a palavra que ele está usando é eros. Desejo. Ora, a palavra eros e seus cognatos, como erótico, em nossos dias, restringiram-se à sexualidade.

Mas não entre os gregos. Eros era simplesmente o tipo de amor que deseja, que anseia. E quando se fala de um Eros para o bem, significa amor pelo que é bom.

O desejo de conhecer o que é bom . Amor pela verdade. O desejo de conhecer a verdade.

Veja bem. Um amor pela sabedoria. Um amor pela beleza.

vocês lerão o Fedro . Outro de seus diálogos. E vocês encontrarão o tema da dialética versus retórica surgindo na segunda parte do Fedro.

Com muita força. O que define uma boa retórica em oposição a uma retórica ruim? É a retórica guiada pelo conhecimento adquirido por meio da dialética. Entende?

Mas como levar as pessoas a buscarem isso? Veja bem. A buscarem o bem. É preciso haver amor pelo bem.

O amor pela beleza. E isso, por sua vez, levanta a questão: o que pode ser feito para levar as pessoas a amar? Veja bem, de certa forma, é um círculo vicioso.

Se você pudesse apreender a visão do bem, do belo, em seu ideal, em princípio, apreendê-la com a mente, você a amaria. Sim, mas como posso apreendê-la se não a amo? Entende o círculo vicioso? É preciso amor para ver com os olhos da mente. Mas como posso amar o que não vejo? A menos que haja uma fome insaciável.

Um desejo, um eros, nesse sentido. Em A República, Platão faz, creio eu, duas sugestões que ele desenvolve em vários trechos. Uma delas é que cabe à cidade-estado organizar a sociedade de modo a incentivar esse tipo de busca pelo bem.

Assim, ele vê a tarefa do governo como o aprimoramento da alma. Amar o certo, o bom, o verdadeiro. Em segundo lugar, ele concebe um sistema educacional que conduzirá gradualmente as pessoas por um processo de desenvolvimento.

Assim, coisas como exercícios físicos e música, que envolvem o corpo e os sentidos, cultivam uma apreciação da ordem racional em vez de experiências sensoriais particulares. Sim. Exercícios físicos. Sim, eu acho que sim.

Ah, o exemplo que ele usa é o treinamento militar. Bem, eu não sei como era o treinamento militar na Grécia Antiga. Eu sei como era quando passei por isso na Segunda Guerra Mundial.

O exercício de parada militar fez com que todo o contingente se comportasse como se estivesse ensaiado. É. Ah, eu me lembro do Cliff Schimels, que foi técnico de futebol americano por um tempo.

Certa vez, ele mostrou para alguns de nós um vídeo dos jogadores entrando e saindo de um treino, e ele repetiu o vídeo para frente e para trás, para frente e para trás, para frente e para trás, e parecia uma dança coreografada. Lindo, lindo, lindo. Entende?

E na música, sim, você tenta captar, ao ouvi-la, a ordem e o padrão gerais. Pelo menos, diz Platão, se for o tipo certo de música. Não o tipo dionisíaco.

Entende? E assim, esses são os estágios iniciais da educação. Cultivar a capacidade da mente de amar e de conhecer o padrão ideal, a ordem.

Entende? E então, seguindo em frente, você vai estudando obras literárias de diversos tipos, cuidadosamente selecionadas, para não despertar paixões, mas cultivar o amor pelo bem. Entende?

E a disciplina da matemática, que é a melhor preparação para a dialética. Sim, até hoje concordo com isso. Os estudantes de matemática que se dedicam à filosofia geralmente têm um raciocínio lógico muito mais apurado do que outras pessoas.

Então, acho que é a mesma pergunta de como fazer as pessoas amarem a matemática: amar a ordem. Ordem inteligível em qualquer área.

Você ama o que faz. E gradualmente ascende a níveis cada vez mais altos . Então, acho que isso é necessário para completar o quadro do que ele está falando nesta palestra.